

CADERNO DE EXERCÍCIOS – SOLUÇÕES

As soluções propostas, sobretudo em relação aos itens abertos, são sugestões e/ou respostas possíveis. Em algumas situações, optou-se por remeter para as páginas do manual onde se encontram as respostas (em alguns itens da Unidade VI). A rubrica «Para pensar» não apresenta soluções: as atividades ou questões apresentadas são de correção livre e constituem-se como um complemento à aprendizagem dos alunos.

UNIDADE 1 - Iniciação à atividade filosófica

(págs. 2-4)

1.

Horizontais: 2. *A priori*. 4. Filosofia. 5. Uma. 6. Empíricos. 11. Grécia. 12. Estética. 13. Religião. 14. Bom. 15. Política.

Verticais: 1. Raciocínio. 3. Premissas. 7. Válido. 8. Metafísica. 9. Ética. 10. Argumento.

2.

Exemplos de problemas filosóficos:

- O que é a justiça?
- Será que Deus existe?
- Quais os valores pelos quais devo orientar a minha vida?

Exemplos de problemas científicos:

- Como se determina a área de um quadrado?
- O que é a tabela periódica?
- Porque é a Lua considerada um satélite da Terra?

3.

A. Filosofia da religião ou valores religiosos

B. Filosofia política

C. Estética

4.

a. Não argumento. **b.** Argumento. **c.** Argumento (com premissa oculta). **d.** Argumento. **e.** Argumento.

5.

a. Logo Xenófanes diz que existe um Deus único. (A existência de um Deus único era defendida por Xenófanes.)

b. Logo alguns sofistas não são cultos. (Alguns homens cultos não são sofistas.)

6.

Tese: Todo o ser humano...

Razões: o bom senso... / o principal...

UNIDADE 2 – A ação humana: análise e compreensão do agir (págs. 6-11)

1.

a. V. **b.** V. **c.** V. **d.** V. **e.** F. **f.** F. **g.** F. **h.** V. **i.** F. **j.** V. **k.** F. **l.** V. **m.** V. **n.** F. **o.** V. **p.** V.

2.

2.1 D. **2.2** D. **2.3** B. **2.4** D.

3.

a. A ação é um acontecimento? Porquê?

b. Como se pode justificar o facto de as ações do ser humano serem orientadas racionalmente?

c. Em que circunstâncias se torna necessário que o processo deliberativo intervenha nas nossas ações?

d. Pode haver discordância entre a utilidade esperada e a utilidade efetiva. Em que situação é que isto pode ocorrer?

4.

4.1 Livre-arbítrio é a possibilidade que o agente tem de se autodeterminar, de escolher agir de uma determinada forma face às alternativas apresentadas.

4.2 O determinismo defende que tudo o que acontece na natureza tem uma causa e que todos os eventos naturais são efeitos necessários de causas que os precedem.

4.3 O determinismo radical afirma a inexistência de ações livres: tudo o que existe na natureza, incluindo as ações do ser humano, é explicado por leis deterministas. A tese do determinismo moderado defende que o livre-arbítrio e o determinismo são conciliáveis: é a posição compatibilista. O determinismo radical implica a verdade do determinismo e a negação do livre-arbítrio.

O libertismo defende a inexistência do determinismo, sendo que o homem é absolutamente livre.

5.

5.1 A. **5.2** D. **5.3** D. **5.4** A. **5.5** B. **5.6** B. **5.7** B. **5.8** B.

UNIDADE 3 – Análise e compreensão da experiência valorativa (págs. 14-17)

1.

a. Juízo de facto. **b.** Juízo de valor. **c.** Juízo de facto. **d.** Juízo de facto. **e.** Juízo de valor. **f.** Juízo de facto. **g.** Juízo de valor. **h.** Juízo de facto.

2.

2.1 D. **2.2** C. **2.3** D. **2.4** B. **2.5** A. **2.6** D.

3.

3.1 a. «(...) exigem também um suporte material (...) sem o qual não têm sentido.» **b.** «As coisas são criadas pelo Homem (os seres da natureza) (...) coisas humanas ou humanizadas.» **c.** «É o Homem – como ser histórico e social e

com a sua atividade prática – que cria os valores (...) como projetos ou objetos ideais.» **d.** «Nem o objetivismo nem o subjetivismo (...) maneira de ser dos valores.» **e.** «Os valores, então, possuem uma objetividade especial que se distingue da objetividade (...) – ou à margem da – sociedade.» **f.** «(...) que não se pode reduzir ao ato psíquico de um sujeito individual (...)»

3.2 O objetivismo e o subjetivismo por si só não esclarecem o ser dos valores.

3.3 Quaisquer das frases dadas são razões que justificam a tese proposta.

4.

Horizontais: 4. Valores. 8. Etnologia. 9. Facto. 12. Objetivismo. 13. Razão. 14. Realismo.

Verticais: 1. Subjetivismo. 2. Cultura. 3. Kant. 5. Relativismo. 6. Emotivismo. 7. Padrões. 10. Hume. 11. Valor.

UNIDADE 4 (parte I) - Dimensões da ação humana e dos valores: análise e compreensão da experiência convivencial (págs. 22-25)

1.

1.1 C. **1.2** B. **1.3** C. **1.4** A.

2.

a. F. **b.** F. **c.** F. **d.** V.

3.

3.1 a. «A ética exige que nos abstraiamos do “eu” e do “tu” (...) ou o que lhe quisermos chamar.» **b.** «A ética adota um ponto de vista universal.» **c.** «Tenho de me preocupar com um grupo mais vasto.» **d.** «Se eu quiser defender o meu comportamento com fundamento em princípios éticos, não posso (...) me traz a mim.»

3.2 B; E.

4.

A – Locke; Contrato social; O Estado é legítimo visto resultar de um contrato social entre o povo e o soberano; Estado de natureza. **B** – Intenção; Kant; Dever; Há ações erradas em si mesmo, independentemente do resultado que que atingirem. **C** – Hobbes; Contrato social; Egoísmo esclarecido; A existência do Estado serve para regulamentar e garantir a proteção de cada indivíduo. **D** – Resultado das ações; As ações morais devem beneficiar a maioria mesmo que sacrifiquem o indivíduo ou as minorias.

5.

a. Universalidade. **b.** Reciprocidade. **c.** Imparcialidade. **d.** Reciprocidade. **e.** Imparcialidade. **f.** Reciprocidade.

UNIDADE 4 (parte II) - Dimensões da ação humana e dos valores: análise e compreensão da experiência convivencial (págs. 26-36)

Parte A – Modelo deontológico de Kant

1.

a. «Para Kant era óbvio que uma ação moral (...) benefício para o seu autor.» **b.** «Assim, para Kant, a intenção de uma ação era muito mais importante do que a própria ação e as suas consequências.» **c.** «Ele pensava que, para saber (...) a intenção dessa pessoa.» **d.** «Para Kant a única motivação aceitável para a ação moral era o sentido de dever.»

2. ... dever ... vontade ... vontade ... hipotético ... imperativo ... categórico ... categórico ... «Age de tal modo que a máxima da tua ação possa ser erigida em lei universal.»

3.

a. F. **b.** V. **c.** F. **d.** F. **e.** V. **f.** V. **g.** F. **h.** V. **i.** V. **j.** F. **k.** F. **l.** V. **m.** F. **n.** V. **o.** F. **p.** F. **q.** F. **r.** V. **s.** F. **t.** V. **u.** V.

Parte B – Modelo consequencialista de Stuart Mill: o utilitarismo

1.

a. Para a doutrina que tem como critério de moralidade a utilidade ou o princípio da felicidade, quais as ações moralmente válidas e as moralmente não válidas?

b. O que se entende por felicidade? E por infelicidade?

c. Em que consiste o critério do utilitarismo?

d. O prazer dos seres humanos não é comparável ao dos animais. Porquê?

e. Sabendo que os homens são conscientes das suas capacidades, como veem a sua felicidade?

f. O que é que torna um prazer mais valioso do que outro?

g. É compatível com o princípio da utilidade haver prazeres mais valiosos e desejáveis do que outros?

2.

a. D. **b.** U. **c.** U. **d.** D. **e.** U. **f.** D. **g.** U. **h.** D. **i.** D.

3.

3.1 B. **3.2** A. **3.3** C. **3.4** D.

Parte C – A teoria da justiça: John Rawls

1.

a. A política deve ter por fundamento uma ética adequada porque o homem é igualmente um animal egoísta. **b.** A política é a gestão não violenta dos acontecimentos, portanto deve ser enquadrada num contexto ético que lhe sirva de fundamento. **c.** A política é a arte de viver em comunidade e a política permite que se viva melhor.

2.

a. V. **b.** F. **c.** V. **d.** V. **e.** V. **f.** F. **g.** F. **h.** F. **i.** V.

3.

Posição original ou véu de ignorância; **1.º princípio** – Igualdade nas liberdades básicas; **2.º princípio** – Igualdade de oportunidades; **3.º princípio** – Princípio da Diferença; **Sociedade justa** – Princípio da compensação (correção de desigualdades a fim de garantir a igualdade de oportunidades e o acesso equitativo aos bens sociais).

PARA REVER

1. B. 2. B. 3. A. 4. C. 5. D. 6. C. 7. D. 8. C. 9. A. 10. B. 11. A. 12. B. 13. A. 14. D. 15. C. 16. A. 17. D. 18. B.

UNIDADE 5 – A dimensão estética: análise e compreensão da experiência estética

(págs. 38-41)

1.

a. Alexander Baumgarten no século XVIII.

b. A estética ocupar-se-ia do estudo do conhecimento sensorial, que serve de fundamento aos juízos de gosto, dos problemas inerentes à experiência do belo, tendo, ainda, preocupações com a filosofia da arte.

c. As propriedades estéticas são a elegância, a harmonia, o dinamismo e a intensidade que um objeto possui.

d. A atitude estética é a relação peculiar que o sujeito estabelece com um objeto, o modo particular como o percebemos e o contemplamos, fazendo uma apreciação de cariz estético.

e. O valor da arte reside na determinação do que faz com que um objeto possa ser considerado uma obra de arte. Tal não se prende com qualquer dimensão económica e deve permitir distinguir entre «boa» e «má» arte.

2.

A. 5. B. 3. C. 4. D. 2. E. 1.

3.

a. V. b. F. c. V. d. V. e. F. f. V. g. V.

4.

ARTE COMO MIMÉISIS

Tese: A arte imita o real. (Posteriormente dir-se-á que *representa* algo, salvaguardando algumas objeções.)

Argumentos:

- A imitação é uma condição necessária para a arte.
- Quanto mais próxima do real, maior valor tem.

Objeções:

- Apresenta uma condição necessária mas não suficiente para a definição.
- Existem imensas obras de arte que não imitam nada (o Pártenon; o Louvre...).
- A ideia de semelhança, na qual a imitação assenta, é complexa: a descrição literária de um acontecimento não é semelhante ao acontecimento.

Exemplo / Autor:

- A escultura imita o corpo humano.
- A poesia dramática imita as ações humanas.
- Platão e Aristóteles (realismo e hiper-realismo).

ARTE COMO EXPRESSÃO

Tese: A arte expressa um sentimento, uma emoção, é um reflexo dos estados emocionais do artista.

Argumentos:

- A comunicação entre o artista e o criador é realizada pela capacidade que o artista tem de expressar os seus estados emocionais, fazendo-o intencionalmente.
- Evidencia autenticidade e o sentido da arte, pela sua dimensão comunicativa, além de lhe atribuir valor cognitivo.

Objeções:

- Ser arte não implica que tenha de ser um ato comunicativo, no sentido de comunicar algo específico; os sentimentos expressos numa obra de arte não implicam que o artista os tenha sentido; o artista pode querer transmitir algo diferente do que o espetador recebe.

Exemplos / Autor:

L. Tolstói (expressionismo).

ARTE COMO FORMA SIGNIFICANTE

Tese: Qualquer forma de arte possui forma significativa: a relação e disposição dos elementos que a constituem, a sua organização interna, a sua forma de construção (...) que impressiona as nossas estruturas percetivas e que apela à contemplação.

Argumentos:

- A forma significativa é algo que todas as obras de arte partilham.
- A forma significativa é criada intencionalmente para ser exibida e posteriormente apreciada esteticamente (distingue-se dos objetos naturais).

Objeções:

- A pergunta sobre a importância do conteúdo numa obra de arte.
- A interpelação sobre como forma e conteúdo se articulam ou até se cada uma, *per si*, pode ser avaliada.
- A vagueza do conceito de forma significativa.

Exemplos / Autor:

Clive Bell.

5.

Balão de fala 1 – O valor instrumental é o valor de utilidade que um objeto possui, tendo em conta o cumprimento de determinadas finalidades, **e o valor intrínseco é** referente a alguma ou algumas propriedades que um objeto possui em si mesmo, independentemente de qualquer critério utilitário.

Balão de fala 2 – Eu explico os pontos de vista: Se se considerar o valor instrumental numa obra de arte, far-se-á

uma avaliação extrínseca à obra, isto é, o seu valor é determinado por algo que reside fora dela: a posição implícita é a de que a arte tem valor na medida em que está ao serviço de uma realidade exterior a si, que a transcende. A obra de arte seria um meio que proporcionaria alcançar certas finalidades (a perfeição moral, o conhecimento de alguma realidade...).

Considerando a defesa do valor intrínseco da arte, trata-se de encarar a arte pela arte, isto é, não submetida a nada que não sejam critérios de índole artística. Neste sentido a arte terá valor em si mesma, pelas características que dela emanam.

6.

Pistas de correção:

- Os enunciados constitutivos do diálogo devem conter explicitamente a posição dos autores.
- No decorrer do diálogo construído, deverão ser explicadas as teorias em causa e respetivos argumentos.
- A terminologia deverá ser ajustada, a exposição clara e o diálogo devidamente articulado, dando a compreender a problematização em causa.
- Todas as afirmações deverão ser fundamentadas e reveladoras de informação pertinente.
- Para C. Bell: o valor da arte reside unicamente nos estados de consciência que provoca; a rejeição do argumento hedonista; as fragilidades da teoria de Bell.
- Para Goodman, explicitar com clareza: o significado cognitivo da arte; a função cognitiva das emoções; a caracterização da experiência estética não recorrendo às noções de prazer desinteressado ou de emoção estética.

UNIDADE 6 - A dimensão religiosa: análise e compreensão da experiência religiosa

(págs. 45-48)

1.

1.1 Todas as religiões, independentemente da sua diversidade, tendem a procurar uma resposta para o sentido da existência: o objetivo do mundo e a razão de ser e o valor da vida humana.

Nas frases propostas, a evidência reside na possibilidade de coexistência pacífica dos seres humanos, pela equivalência absoluta entre o respeito por si mesmo e o respeito pelo outro.

1.2 Teísmo é a crença na existência de um Deus único, criador de tudo o que existe a partir do nada, sumamente bom, contendo todas as perfeições, por isso, onipotente e onisciente.

Não Teísmo é a convicção de que existe a possibilidade de o Homem se aperfeiçoar e ascender à felicidade, ainda que não se acredite na existência de um Deus Único.

1.3 A, B, C – Teístas. D, H – Não Teístas.

1.4 – 1.ª Judaísmo, Cristianismo, Islamismo. **2.ª** Budismo.

3.ª Budismo. **4.ª** Hinduísmo. **5.ª** Cristianismo. **6.ª** Cristianismo, Islamismo, Judaísmo. **7.ª** Cristianismo.

Questões 2., 3. e 4.

Pela natureza das questões (abertas), na sua generalidade remete-se para as páginas do volume 2 do manual, nas quais se encontram as respostas ou os indicadores de resposta, ainda que possam ser transversais a toda a unidade.

2.

2.1 e 2.2 Págs. 76 e 77.

2.3 Tese: O problema do sentido da existência não se coloca em termos de absurdo.

Argumentos:

- Afirmar o não sentido da vida não é necessariamente sinónimo da absurdidade da mesma.
- A pergunta pelo sentido da existência só pode ser contextualizada a partir da intencionalidade e não fora dela.
- O «absurdo» não está apenas conectado com o campo da intencionalidade, e, como tal, não se deve perguntar por um sentido que nos escape. Desta forma, não se vinculando exclusivamente ao campo intencional, é um falso problema.

3. Págs. 82 e 83.

4.

4.1 S. Tomás de Aquino.

4.2 e 4.3 Págs. 87 a 89.

4.4 Págs. 90 a 93.

4.5 Págs. 94 e 95.